



Preço da cesta básica tem alta de 10,23% no semestre

CAMILA ANCONA

camila.ancona@jppjournal.com.br

O preço da cesta básica em Piracicaba teve alta de 10,23% no primeiro semestre de 2008 em relação a dezembro de 2007, passando de R\$ 272,29 para R\$ 300,16. Os dados são do ICB (Índice do Custo da Cesta Básica) da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz)/Fealq (Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz), calculados pela Esalq Jr. Economia. Os produtos com maior alta nos preços foram arroz, farinha de trigo, macarrão, óleo de soja e a carne bovina.

Esses produtos apresentaram variações substanciais em seus preços médios no período em análise, segundo o pesquisador da Esalq Jr. Economia, Rodolfo Margato, 20. “É um reflexo da chamada ‘crise dos alimentos’ na conjuntura econômica atual”, afirma. Contrariando essa tendência, o feijão foi o único produto da categoria citada que apresentou redução de 5,27% em seu preço médio, variando de R\$ 5,93

o quilo em dezembro de 2007 para R\$ 5,62 em junho deste ano.

A categoria Alimentos subiu 10,08%, encerrando o primeiro semestre do ano com custo médio de R\$ 233,07. Já nas categorias de Limpeza e Higiene, as altas foram da ordem de 12,66% e 8,66%, respectivamente. Elas fecharam junho custando, em média, R\$ 36,01 e R\$ 31,07. Em dezembro de 2007, tais valores correspondiam a R\$ 31,97 e R\$ 28,59. “A alta da cesta básica no semestre não foi surpreendente, pois a alta tem sido constante pelos últimos quatro meses”, afirma Margato.

A cesta — composta de 34 itens e apurada por metodologia do Procon — deverá sofrer constantes alterações de preços no próximo semestre. “Há fraca estabilidade dos preços a curto prazo devido aos baixos estoques internacionais das *commodities*”, completa o pesquisador. A alta dos alimentos indica significativa redução do poder de compra do trabalhador, pois em junho a participação alcançou o patamar de 72,33% sobre o salário mínimo

A categoria Alimentos teve aumento de 10,08% no preço



Mateus Medeiros/JP

Para Ademir Silva, a alta nos preços tem sido perceptível

de R\$ 415, quando o valor da cesta era R\$ 300,16.

VILÃO – Cultivado supostamente há mais de 12 mil anos em certas regiões da Índia e da China, o arroz que faz parte da vida de milhões de pessoas no mundo apresentou, no primeiro semestre de 2008, alta de 39,37% no preço médio do saco de cinco quilos, passando de R\$ 7,75 em janeiro para R\$ 10,80 em junho. Segundo Margato, os preços subiram no mercado interno em plena safra.

A farinha de trigo teve a segunda maior alta com elevação de 26,37% no preço médio do produto durante o semestre. O preço do pacote de 500 gramas passou de R\$ 1,90 em janeiro para R\$ 2,40 em junho de 2008. O macarrão ficou em terceiro lugar com variação de 21,77%, já que o preço médio do pacote de 500 gramas saltou de R\$ 1,63 no começo do semestre para R\$ 1,99 no final. Empresários do ramo de alimentos mantêm o preço dos produtos para não perder clientes (leia matéria nesta página).

Consumo é o mesmo nas bancas

Alguns comerciantes do Mercado Municipal de Piracicaba sentiram alteração dos preços dos produtos apontados com maior reajuste no primeiro semestre de 2008 em Piracicaba pelo Índice do Custo da Cesta Básica (ICB) da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz). Porém, o consumo é o mesmo nas bancas e não houve alteração nas vendas. Pa-

ra Jair Spironello, 54, permissionário no local, as pessoas não deixam de comprar os produtos porque estes são alimentos básicos para a alimentação. No caso dele, a procura é grande porque a venda é de produtos naturais. “O arroz integral teve aumento de 30% e muita gente continua comprando”, afirma. Ele lembra que pessoas fazem uso deste tipo de alimen-

to por questões de saúde.

Além dos quatro tipos de arroz oferecidos na banca — agulhinha branco, agulhinha vermelho, selvagem e cateto — é possível encontrar macarrão integral e farinha de trigo. Estes dois também sofreram aumento, segundo Spironello. No local, o quilo da farinha custa R\$ 1,70 e 500 gramas do macarrão tem preço de R\$ 3. “Quem consome

estes produtos está evitando outros menos importantes”, diz o comerciante.

Para o permissionário Ademir da Silva, 45, a alta dos alimentos foi perceptível em alguns produtos, porém ele tem procurado manter o preço para não perder a freguesia. “O movimento tem sido igual, principalmente agora que diversificamos a oferta dos nossos produtos”, completa.